

:: janeiro/ junho - Ano IV, nº 1, 2008. ISSN 1980- 4490

## **O romance como representação**

O Rio de Janeiro de Lima Barreto

Adriana Carvalho Silva\*<sup>1</sup>

### **Resumo**

A idéia de que a produção romanesca é uma possibilidade de representação espacial aproxima a Geografia da Literatura.

Os romances do escritor Lima Barreto destacados neste artigo são ambientados no Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX, momentos em que a cidade, então Capital Federal, recebe investimentos na intenção de consagrá-la como espaço de modernidade.

O momento é o de construção de um imaginário social acerca do país. Trabalha para isso a produção artística de exaltação ao nacionalismo e de crítica ao próprio processo de consolidação de uma política nacional, predominantemente pautada em valores europeus.

Um exercício de percepção dos aspectos da modernidade é feito por Lima Barreto, que usa a escrita para representar seu cotidiano.

### **Abstract**

The novelist production may well be seen as a possibility for representation of space, which makes Literature and Geography closely related.

Lima Barreto's novels herein took place in the city of Rio de Janeiro between the 19<sup>th</sup> and the beginning of the 20<sup>th</sup> centuries, a time at which

---

<sup>1</sup> \*Professora de Geografia da rede pública do Rio de Janeiro e substituta na UERJ-FFP, doutoranda em Geografia pela UFF.

it was the federal capital, and received government investments so it could be shown as a space of modernity.

Such is a moment of building up a social imagery on the country, and certainly an artistic production filled with nationalist ideas as well as the criticism to the current national policy, consisted mostly of European values, contributed to that.

An exercise on the perception of aspects of modernity is made by Lima Barreto who used literature to represent his daily life.

Pensar numa relação entre Geografia e Literatura compete pensar na Geografia como um campo de múltiplas possibilidades de leitura espacial e representações variadas. É o caráter geográfico da percepção humana que se destaca aqui.

As práticas sociais, a problemática urbana, as diferentes identidades e os espaços de representação são questões referentes ao cotidiano e à percepção de mundo, não existem fora de um espaço e de um tempo e, ainda assim, não são temas pertinentes a Geografia ou História propriamente, mas são questões acerca da vida, carregadas de símbolos, de subjetividade, expressas por linguagens não científicas, retratos da realidade humana.

Na ideia de que a obra romanesca é uma possibilidade de representar essa realidade, a Literatura interpreta o mundo pelo simbólico, usa para "dizer" a cidade o que a Ciência comumente descarta, tornando presente aquilo que não está à mostra.

A literatura lida com o imaginário, atribui significados às coisas, pessoas, datas, espaços, é uma forma de representação elaborada pela ótica do autor e que irá se desdobrar em nova representação com o que

apreende o leitor. O resultado é uma interação entre as vivências.( BASTOS, 1998 )

Assim, vemos que escritores e geógrafos têm pontos em comum relativos à natureza das percepções, experiências com o espaço e sentido de lugar, embora sigam linhas particulares de trabalho. Ambos elaboram reflexões acerca de seu tempo-espaço.

Não preciso dizer o quanto a temática espaço urbano do Rio de Janeiro é investigada sob inúmeras possibilidades e, ainda, a trajetória do escritor carioca Lima Barreto. Geógrafos, historiadores, cientistas sociais, antropólogos, estudiosos da língua portuguesa e outros esmiuçaram cada contribuição desse escritor ímpar da história da nossa literatura.

A formação intelectual, a origem humilde e negra, a formação literária e não acadêmica e o estilo polêmico são referências de Lima Barreto.

Em cada escritor estão enquadrados sentimentos e afetividades próprios. Em cada um tal composição acarretará numa fórmula única, exclusiva, onde se somam infância, vida familiar, o convívio com amigos e daí as leituras, a visão sobre a ciência, religião, amor, política e a concepção que se tem sobre o mundo em suas múltiplas escalas, ou seja, sua própria representação de mundo.

Lima Barreto nos remete em romances e artigos o quanto a construção de um imaginário social no Brasil serviu para a formação de uma nova idéia de espaço urbano: o Rio de Janeiro enquanto espaço de modernidade.

Para Lucrecia Ferrara, o imaginário tem a capacidade de ampliar os significados:

O imaginário social corresponde àquelas representações que, entremeadas e articuladas, correspondem, sistematicamente e em linha ascendente, a desejos, expectativas, projetos, valores, crenças e hábitos. (FERRARA. *Do mundo como imagem à imagem de mundo*. In SANTOS. *Território, Globalização e Fragmentação*. 1996 , p.45)

É a percepção de Lima Barreto conduz sua escrita, sua produção, de modo que é Ele quem fala nos romances(BAKHTIN), sendo o Rio de Janeiro vivido por ele que salta das páginas. Isto está posto e declarado pelo autor em passagens citadas no seu diário e em inúmeros artigos: a proposta de fazer uma literatura de "denúncia social", "engajada". O autor reproduz na arte o seu próprio imaginário social e expõe características da organização sócio espacial carioca.

E o que via e vivia Lima Barreto no fim do século XIX e início do século XX?

A cidade moderna é o que se projeta para o Rio de Janeiro enquanto Capital Federal que, por meio da ação do capital, tem pontos ou núcleos eleitos pela política empreendedora para receber as benesses do espaço moderno, um espaço complexo onde atuavam forças do local e forças externas ao país.

O Rio de Janeiro vivia uma fase de aceleração. E isso era apenas um sinal do que iríamos viver no século XX e o que Harvey (1992) identificaria mais tarde como a compressão do tempo-espaço, uma aceleração generalizada dos tempos de giro do capital que traz como conseqüências novas formas de pensar, de sentir e de agir.

Harvey (1992) identifica e analisa símbolos e conseqüências que nos trouxe a transição do fordismo para a acumulação flexível ao longo do século XX, analisando como se deu o processo que nos leva a

perceber que o mundo é menor e as distâncias são mais curtas e ainda os eventos que têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Um exercício de percepção de aspectos da modernidade e da dinâmica do espaço - tempo é feito por Lima Barreto. No entanto, o contínuo usa a escrita para representar o seu objeto - a cidade do Rio de Janeiro entre os séculos XIX e XX.

São referências desse processo de modernização da Capital Federal as ruas do centro da cidade, reformuladas ao mais requintado gosto para abrigar lojas dignas dos *boulevares* parisienses. O povo maravilhava-se ao ver as confeitarias, chapelarias, charutarias, perfumarias,...

Os hábitos e a cultura popular foram também influenciados pela onda modernizadora. A festa do carnaval viu o desfile dos carros de flores, os ritmos africanos e as manifestações religiosas dos negros foram reprimidos e no lugar uma lista enorme de decretos contendo normas e condutas mais higiênicas e adequadas foi formulada pela esfera de poder municipal (BENCHIMOL).

Os meios de transporte mais modernos ligavam os bairros mais rapidamente, trazendo uma nova dinâmica espacial principalmente para a zona sul da cidade, área que concentrou os investimentos de remodelação e abrigou a imagem da cidade moderna (ABREU).

Nesse momento, quase a totalidade do que se escrevia no país era sobre a Capital Federal ou tomando-a como referência, ou seja, respirava-se o Rio de Janeiro.

A representação é, em si, um recurso de poder e o Rio de Janeiro do início do século XX era o núcleo do esforço das esferas federal e municipal na tentativa de inserir a cidade no mais próximo do padrão

das *urbs* "civilizadas", para que compartilhássemos do modo de viver, de vestir e de agir de acordo com o que se propagava, já no século XX: o desejo da igualdade do cotidiano em todos os lugares, ou seja, em todos os lugares, o mesmo imaginário, a mesma língua, a mesma moeda (FERRARA, 1996).

Lima Barreto mesmo tendo realizado trabalhos considerados não acadêmicos, reuniu características de uma produção crítica de grande empenho intelectual, movido pela idéia de realizar uma literatura militante, de denúncia e de mobilidade social, tendência já da literatura de cunho realista.

Todo tempo o autor esteve voltado para as transformações que implementaram um novo ritmo ao país e à cidade, principalmente. Se destacaram através dos seus romances as práticas político-econômicas, o poder de classes e a vida social e cultural do país.

O autor transitava entre a tendência dominante da literatura do século XIX e as novas tendências inspiradas pelos ares do modernismo.

As últimas décadas do século XIX no Brasil abrigavam uma literatura refletora da vida social. A literatura era veículo da nacionalidade, documentação e descrição do "real", de matriz positivista, avessa à natureza ficcional e amparada em parâmetros cientificistas. Eram valorizados precisão, objetividade, exatidão - racionalidade e sistematização - acima de imaginação e invenção. Era um veto à subjetividade. Condenavam-se juízos de valor, interpretações.

Havia na literatura prestigiada no país um compromisso entre a criação literária e a nação afastando a apreensão da literatura como uma forma discursiva própria ou ficcional. O discurso histórico e o discurso literário se fundiam no discurso intelectual sobre a nação. Era a

afirmação da nação perante o mundo. Vejamos o que nos escreve FERRARA:

Entre nós, a afirmação da nação perante o mundo se deu por meio da criação do imaginário da unidade nacional defendida por indivíduos que, emblematizados, se transformaram em heróis. (FERRARA. *Do mundo como imagem à imagem de mundo*. In SANTOS. *Território, Globalização e Fragmentação*. 1996 , p.46)

De acordo com FERRARA, três momentos podem ser identificados como marco do imaginário se refazendo ou sendo construído. O primeiro é a constituição do território, outro é a sua ampliação e o terceiro é a sua independência, onde a sustentação desse imaginário coletivizou-se pelos heróis bandeirantes expansionistas, pelo imperador e pelas tentativas de independência. A figura do herói ou o caráter icônico desses heróis, segundo a autora, é indispensável para provocar uma atenção popular, em geral ausente e dispersa e, sobretudo para redimir a ambigüidade de uma identidade decidida alhures e à revelia da consciência nacional.

Podemos entender que a literatura contribuía para a construção de um imaginário da unidade nacional no Brasil.

No campo da literatura, havia sido gerado um tipo peculiar de nacionalismo, podendo ser percebido pela obstinação da necessidade de conhecimento do país, pelos relatos da colonização do interior, pelo incentivo de se criar um saber próprio sobre o Brasil. Lima Barreto relata essa postura de forma contestadora.

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, escrito no prazo de dois meses e alguns dias como se fosse uma enxurrada de emoções, é

publicado em folhetins do *Jornal do Commercio* em 1911 e considerado pela crítica o mais bem composto e equilibrado romance de Lima Barreto. Nele, o protagonista Major Policarpo Quaresma chega a ser lembrado pela crítica como um moderno Dom Quixote. Otimista incurável, o Major não poupava esforços para cultivar e recuperar o que ele entendia como a verdadeira cultura nacional e isto incluía desde a dedicação ao cultivo de produtos agrícolas tipicamente brasileiros, ao resgate de canções, hábitos até a idéia de se substituir, no Brasil, a língua portuguesa pela língua indígena tupi. O drama de Quaresma é o nacionalismo ingênuo, o patriotismo desvairado, o esforço de valorização do *nacional* .

Este romance estimula a reflexão sobre a construção de uma imagem de Brasil. Situado nos primeiros anos da década de 1890, o livro traz as transformações simbolizadas pela Abolição e pela República ao narrar os acontecimentos da vida do Major Policarpo Quaresma.

A ironia de Lima Barreto recai sobre a postura europeizante, falsamente erudita, e ainda sobre a mentalidade progressista. Outro exemplo se dá quando, optando pela paródia, em *Os Bruzundangas*, o autor satiriza ao máximo a europeização do gosto e dos hábitos da elite, utilizando Montesquieu - *Cartas persa* -, para falar de um país fictício, metáfora do Brasil, em que expõe as mazelas nacionais: "Pode ser definida a feição geral da sociedade da Bruzundanga com a palavra - mediocre."<sup>2</sup>. A vida literária é o seu alvo. O conhecimento da língua falada na Bruzundanga não garantia o entendimento do que escreviam os literatos importantes e respeitados.

Deve ser considerado ainda dentro desse contexto a atmosfera de instabilidade e indefinição que envolveu as pessoas no período de decadência do Império e da consolidação da República. Ideologias do

---

<sup>2</sup> BARRETO, L. *Os bruzundangas*. São Paulo: Ática, 1985 p.19

"país novo" ou de "gigante adormecido" buscavam superar a sensação de inferioridade, estabelecer uma idéia de ordem e ainda um representativo de nacionalidade (BROCA).

Não é difícil identificarmos a preocupação em se definir um tipo social ou até mesmo extra-social, que pudesse dar o tom geral à nacionalidade, que fosse representativo de um tipo específico, etnicamente definido, de características nacionais. Para exemplificar, temos então o *sertanejo* na criação de Euclides da Cunha, o *mestiço* como o produto étnico para Silvio Romero, o *caipira* no olhar de Monteiro Lobato<sup>3</sup> e o *mulato* litorâneo para Lima Barreto, tipo que ele considerava destinado a se impor como padrão de homogeneidade étnica do país.

É o modernismo que abriria portas para uma literatura ficcional no Brasil. Lima Barreto - considerado, por uns, pós-romântico, por outros, pré-modernista - se destaca em meio à superficialidade do período pelo seu "realismo social", fruto da sua idéia de desenvolver uma literatura que tivesse uma "função social", de "desmascarar falsos valores", que fosse uma expressão direta dos sentimentos e idéias pessoais do autor.

Assim, as obras de Lima Barreto receberam críticas por parecerem autobiográficas demais, por tratarem inclusive de um "universo" pessoal, de abordar questões e dilemas próprios e não de interesse relativos à vida social, à nação (BARBOSA). Envolto em uma vanguarda literária de sua época, ou seja, a do naturalismo francês e ainda na estética de influência marcada por Eça de Queirós, Lima Barreto procura captar o máximo de realidade e compor com o mínimo de ficção,

---

<sup>3</sup> As referências são: Monteiro Lobato: *Urupês*, . São Paulo, Brasiliense, 1959, pp.278-280; Euclides da Cunha, II, p.141; Silvio Romero: *Historia da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, José Olympio,1943, Tomo I,p.31.

elaborada em caricaturas e ironias, valorizando uma tônica obstinadamente confessional.

No entanto, lembrando que operavam como os padrões de referência básicos desse período as temáticas universais como humanidade, nação, verdade ou justiça, os intelectuais que fugiam a esse padrão viviam o dilema entre o impulso de colaborar para a composição de um acervo literário universal e o anseio de interferir na ordenação de sua comunidade de origem. Essa crise de consciência era vivida pelo intelectual Lima Barreto.

Através do olhar de morador da cidade e de escritor literário, Lima Barreto percorre a cidade na pele de seus personagens, que lançam-se por ruas, becos, vilas, habitações inóspitas, hospícios, repartições públicas, jornais, cafés, bairros do subúrbio e da zona sul. Por longos passeios a pé, por bondes e trens, eles vivem no cotidiano os dilemas, conflitos e reformas que atuam no país e na cidade. Seus personagens são vítimas e heróis que se misturam nas páginas dos romances e fazem deles a própria representação da sociedade carioca do tempo e do espaço de Lima Barreto.

Em *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, Gonzaga, *flâneur* da cidade com a qual se identifica, percorre as ruas registrando tudo o que mudou ou desapareceu. O protagonista é cético quanto ao futuro da urbe, duvida que um dia será uma grande capital e faz reflexões sobre a expansão urbana. O diálogo aborda questões relativas ao ordenamento territorial:

Certa vez, não sei a que propósito, lembrei-me de observar ao meu amigo o seguinte:

- Esse Rio é muito estrambótico. Estende-se pra aqui, pra ali; as partes não se unem bem, vivem tão segregadas que,

por mais que aumente a população, nunca apresentará o aspecto de uma grande capital, movimentada densamente.

Ele me ouviu calado e depois me disse com aquela pausa de que dispunha certas vezes:

- Pense que toda a cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de todas se parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é lógico com ele mesmo, como a sua baía o é com ela mesma, por ser uma vale submerso. A baía é bela por isso; e o Rio o é também porque está de acordo com o local em que se assentou. Reflitamos um pouco. ( BARRETO. 1956 . *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* , p.36).

Está implícita na crítica do autor a condenação ao estrangeirismo urbano. Questiona-se a adoção de valores estrangeiros que, de acordo com Lima Barreto, se refletem na mudança de nossos hábitos.

Em *Clara dos Anjos*, o anti-herói Cassi Jones, um conquistador suburbano, não se sentia à vontade no centro da Capital Federal. Ali, a cidade não era sua, o engolia, aquele não era o mundo que conhecia e dominava. Cassi Jones sentia que aquela gente que respirava ares modernos o fazia parecer insignificante:

Não gostava mesmo do centro. Implicava com aqueles elegantes que postavam nas esquinas e nas calçadas. Achava-os ridículos, exibindo luxo de bengalas, anéis e pulseiras de relógios. É verdade, pensava consigo, que ele usava tudo aquilo; mas era com modéstia, não se exibia. Recordava que não tinha posses, mas mesmo que as

tivesse, não se daria a tal ridículo...Essa sua filosofia sobre elegância, de elegante suburbano, ele aplicava às moças. ( BARRETO. 1956. *Clara dos Anjos*, p.142)

Nascido no momento de transição do Império para a República, Lima Barreto atua em um cenário privilegiado de mudanças que esse novo regime e as tendências modernizadoras trazem para o país.

Lima Barreto não escreve sobre a realidade propriamente dita, mas sobre as múltiplas possibilidades do real, sobre o que poderia vir a ser real em seus espaços de representação. Essa abordagem que abre espaço para a trama ficcional, para a reflexão sobre os aspectos da vida social e toda problemática urbana no país só se desenvolve no Brasil com o movimento modernista.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Maurício. *A evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLAN- RIO/Zahar. 1987.

BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002 ( 8º edição)

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro, Klick Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os Bruzundangas*. São Paulo, Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *Coisas do Reino de Jambon*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

\_\_\_\_\_. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1995

\_\_\_\_\_. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Feiras e Mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Vida Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *O subterrâneo do morro do Castelo*. Com introdução de Beatriz Resende. Rio de Janeiro: Dantes, 1999.

BASTOS, Ana Regina Vascelos Ribeiro. *Espaço e literatura: algumas reflexões teóricas*. Espaço e Cultura nº 5 Jan/Jun Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992 (Coleção Biblioteca Carioca).

BENJAMIM, Walter. *Os modernos e a modernidade*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In SANTOS (org) . *Território, Globalização e Fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1996.

HARVEY, D. *A Condição da Pós-Modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP , 1991.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em obras romanescas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. Tradução Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

PECHMAN, Robert Moses(org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

POCOCK, D. C. D. *Geography and Literature*. Progress in Human Geography. Institute of British Geographers, 1988.

RESENDE, Beatriz & VALENÇA, Rachel. *Toda Crônica. Lima Barreto 1919-1922*. Apresentação e notas de Beatriz Resende; organização de Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,1993

SANTOS, Boaventura de S. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento,1996.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989

\_\_\_\_\_. *Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe*. Revista Brasileira de História. Cultura e Cidades,v.5, n.º8/9, pp. 69-83. São Paulo, set.1984/abr.1985.